

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Modelo Bioecológico e Psicologia Ambiental: revisão sistemática sobre adolescência e espaços urbanos

Bioecological Model and Environmental Psychology: a systematic review on adolescence and urban spaces

Modelo Bioecológico y Psicología Ambiental: revisión sistemática sobre adolescencia y espacios urbanos

Gleudson Jordan dos Santos¹ & Larissa Medeiros Marinho dos Santos²

¹ Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: gleudson@ufsj.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6916-5215>

² Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: larissa@ufsj.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4906-4163>

RESUMO

Realizou-se uma busca, orientada pelo guia PRISMA, nas três principais revistas de psicologia ambiental e nos indexadores LILACS, PePSIC e SciELO pelos descritores adolescent, urban space, Bronfenbrenner e bioecological, entre 2015 e 2020. O objetivo foi realizar uma revisão sistemática envolvendo estudos desses campos, comparar as definições encontradas e, a partir delas, discutir aproximações e distanciamentos dessas teorias. Os resultados demonstraram que os adolescentes mais jovens tendem a ser tratados como crianças e os mais velhos como adultos. Os estudos que utilizaram as abordagens em conjunto conseguiriam se aprofundar melhor na relação contexto social-ambiente físico.

PALAVRAS-CHAVE:

Adolescentes; Psicologia Ambiental; Modelo Bioecológico; Revisão Sistemática.

ABSTRACT

A search was carried out, oriented by the PRISMA guide, in the three main environmental psychology journals and in the LILACS, PePSIC, and SciELO indexes for the descriptors adolescent, urban-space, Bronfenbrenner, and bioecological, between 2015 and 2020. The objective was to carry out a systematic review involving studies of these fields, to compare the definitions found, and to discuss the approaches and distances from these theories. The results showed that younger adolescents tend to be treated as children and older as adults. Studies that used the approaches together would be able to go deeper into the relationship between social context and physical environment.

KEYWORDS:

Adolescents; Environmental Psychology; Bioecological Model; Systematic Review.

RESUMEN

Se realizó una búsqueda en las tres principales revistas de psicología ambiental y en los indexadores LILACS, PePSIC y SciELO con los descriptores adolescent, urban-space, Bronfenbrenner y bioecological, entre 2015 y 2020, orientados por el PRISMA. El objetivo fue realizar una revisión sistemática que involucre estudios de estos campos, comparar las definiciones encontradas y discutir las aproximaciones y distanciamentos entre estas teorías. Los resultados mostraron que los adolescentes más jóvenes tienden a ser tratados como niños y los mayores como adultos. Los estudios que utilizaron abordajes en conjunto consiguieron profundizar en la relación entre el contexto social y el entorno físico.

PALABRAS CLAVE:

Adolescentes; Psicología Ambiental; Modelo Bioecológico; Revisión Sistemática.

Informações do Artigo:

Gleudson Jordan dos Santos

gleudson@ufsj.edu.br

Recebido em: 27/09/2020

Aceito em: 27/01/2021

O modelo bioecológico do desenvolvimento e a psicologia ambiental possuem características comuns e são frequentemente utilizados em conjunto em pesquisas que envolvem o estudo dos contextos (Oliveira & Morais, 2019; Rollings, Wells, Evans, Bednarz, & Yang, 2017; Tiriba & Profice, 2019). Porém, em cada um desses campos do conhecimento psicológico, existem particularidades, que, muitas vezes, confundem-se e podem emaranhar o leitor que não tenha se aprofundado nesses campos, tal como acontece, por exemplo, com o conceito de ecológico. Este estudo parte dessa premissa e, com base no interesse sobre a temática adolescência, objetivou realizar uma revisão sistemática envolvendo estudos desses campos, comparar as definições encontradas e, a partir delas, discutir aproximações e distanciamentos entre essas teorias.

A adolescência pode ser compreendida de diferentes formas e sua conceitualização está em constante discussão. A Organização Mundial de Saúde (World Health Organization [OMS], 2020) define esse período

como sendo marcado por mudanças biopsicossociais que se estendem dos dez aos 19 anos, mesmo critério adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil (2020) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE,1997). Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n.8069, 1990) estabelece essa fase entre os 12 e 18 anos. Em termos gerais, o constructo adolescência pode ser considerado uma construção histórica, com raízes sócio-histórico-culturais e econômicas, tal como descrito por Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silves (2010). No entanto, para esta revisão, será levada em consideração a definição indicada pela OMS.

Moser (2018) afirma que o cerne da psicologia ambiental é o estudo da pessoa em relação com o ambiente, o que inclui as relações com outras pessoas implicadas nele. A área possui objetivos científicos, instrumentos teóricos e metodológicos específicos, e visa estudar conjuntamente comportamentos e cognições relacionados ao ambiente em suas dimensões físicas e sociais. De acordo com o autor, suas teorias são embasadas em contatos ou fatos colocados em evidência no campo de pesquisa.

Para Gonçalves (2007), o ambiente enquanto contexto permite a sua apropriação, incluindo seus simbolismos e o desenvolvimento da identidade social. Essa relação das pessoas com o ambiente possui uma dimensão vivenciada, que trata das experiências que se tem nesse local, e uma simbólica, que diz respeito às representações mentais que o local proporciona para as pessoas. Para a autora, a apropriação funciona como um processo de identificação no qual a pessoa pode se apropriar do espaço, deixando sua marca. Consequentemente, ela o transforma dando início a um processo de reapropriação constante.

O modelo bioecológico, por sua vez, é descrito por Bronfenbrenner (1979), Bronfenbrenner e Crouter (1983) e Bronfenbrenner e Morris (1998) como uma evolução do sistema teórico para o estudo do desenvolvimento humano ao longo do tempo, sendo este definido como o fenômeno de continuidade e de mudança das características biopsicológicas dos seres humanos como indivíduos e grupos. Bronfenbrenner (1995) apresentou, nos primeiros anos do seu trabalho, uma forte ênfase na importância da mudança social não apenas como uma espécie de chave para compreender as origens dos padrões contemporâneos de desenvolvimento como também para contribuir com a política e a ação social.

Bronfenbrenner e Morris (1998) e Bronfenbrenner (2011) afirmam que o desenvolvimento humano ocorre por meio de processos de interação recíproca em longos períodos de tempo, o que é denominado de

processos proximais. Esses processos são considerados a força motriz primária do desenvolvimento humano, sendo a forma, o poder, o conteúdo e a direção deles, ao longo do tempo, produtores desse desenvolvimento. Uma proposta de pesquisa nessa abordagem deve levar em consideração o processo, a pessoa, o contexto e o tempo (PPCT) para compreender, efetivamente, os fatores motivacionais do desenvolvimento.

Moser (2018) apresenta a contribuição das representações sociais como fundamentais para a psicologia ambiental. Nesse contexto, o modelo bioecológico de desenvolvimento humano se encontra dentro de um paradigma sociocultural. Para o autor, o ambiente fornece sentido e identidade, situando o sujeito pessoal, social, econômica e culturalmente. Essas representações são consideradas modalidades de conhecimentos compartilhados por um grupo social, que permitem a gestão das relações sociais, a interpretação e o controle do ambiente além de poder servir como justificativa para comportamentos e posicionamentos. Há, então, uma abertura para um campo de oportunidades de construção social, sejam elas espontâneas ou encorajadas, havendo espaço para a investigação das possibilidades de desvendar ou emergir o protagonismo juvenil.

Este artigo é resultado de uma revisão sistemática, que teve como objetivo investigar as publicações realizadas nos últimos cinco anos sobre a adolescência e sua relação com a cidade em revistas especializadas em psicologia ambiental e nos principais indexadores de psicologia e saúde que tenham publicado esse tema a partir dos referenciais do modelo bioecológico de desenvolvimento humano. A partir desses achados, pretende-se descrever a visão dessas abordagens sobre a adolescência além de tentar compreender as possíveis aproximações e distanciamentos entre esses dois campos do conhecimento psicológico.

Método

Esta revisão sistemática segue o guia PRISMA (Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises), que, segundo Galvão, Pansani e Harrad (2015) é o nome atualizado do instrumento QUOROM (Qualidade dos Relatos de Meta-análises), após sua revisão e atualização. Esse modelo busca a revisão da literatura, de modo sistematizado e explícito, a partir de uma pergunta claramente formulada pelos pesquisadores, o que permite selecionar e avaliar pesquisas que serão incluídos no estudo (Galvão et al., 2015).

Esse modelo recomenda a utilização de uma lista de verificação com 27 itens e um fluxograma contendo quatro etapas, que têm como objetivo auxiliar os pesquisadores a relatarem revisões sistemáticas e meta-análises (Galvão et al., 2015). A partir da pergunta inicial, os autores elencaram os descritores na língua inglesa, com base no pressuposto de que é o idioma mais comum nas traduções de títulos e resumos, e realizaram a busca nos principais indexadores disponíveis.

Levantamento Bibliográfico

Foi realizada, entre os meses de junho e julho de 2020, pesquisa por meio da ferramenta de busca avançada do *Google Scholar*, especificando as principais revistas de psicologia ambiental (*PsyEcology*, *Environmental & Behavior* e *Journal of Environmental Psychology*) com os termos *adolescent e adolescent and urban space*. Os autores optaram por utilizar apenas os resultados referentes à soma dos descritores *adolescent and urban space*, por apresentarem os resultados de maior interesse para este estudo.

Também foram realizadas buscas no mesmo período e com a mesma ferramenta, porém especificando os indexadores *SciELO*, *LILACS* e *PePSIC* com os termos *adolescent and urban space and Bronfenbrenner e adolescent and urban space and bioecological*. A adição dos termos *Bronfenbrenner e bioecological* se deve à não existência de periódicos específicos que abordem, exclusivamente, artigos relacionados ao modelo bioecológico de desenvolvimento humano. Todas as buscas foram limitadas ao período de 2015 a 2020, ou seja, os últimos cinco anos anteriores a esta revisão. A justificativa para a delimitação desse período de tempo se dá devido às discussões realizadas no programa de pós-graduação dos autores sobre a atualidade dos estudos que devem compor a revisão.

Após a primeira etapa de pesquisa, os artigos foram selecionados a partir do título e do resumo. Foram considerados os estudos que traziam implícita ou explicitamente o envolvimento com adolescentes ou com o espaço urbano. Foi possível notar que muitos estudos apresentavam os termos pesquisados apenas nas referências bibliográficas. Em seguida, os artigos selecionados foram lidos integralmente, sendo excluídos os capítulos de livro, as revisões de literatura e os estudos que não envolveram ou citaram os adolescentes e o espaço urbano. Os passos estão descritos na *Figura 1*. Em seguida, nas *Tabelas 1, 2 e 3*, são apresentados os estudos elegíveis para a síntese qualitativa.

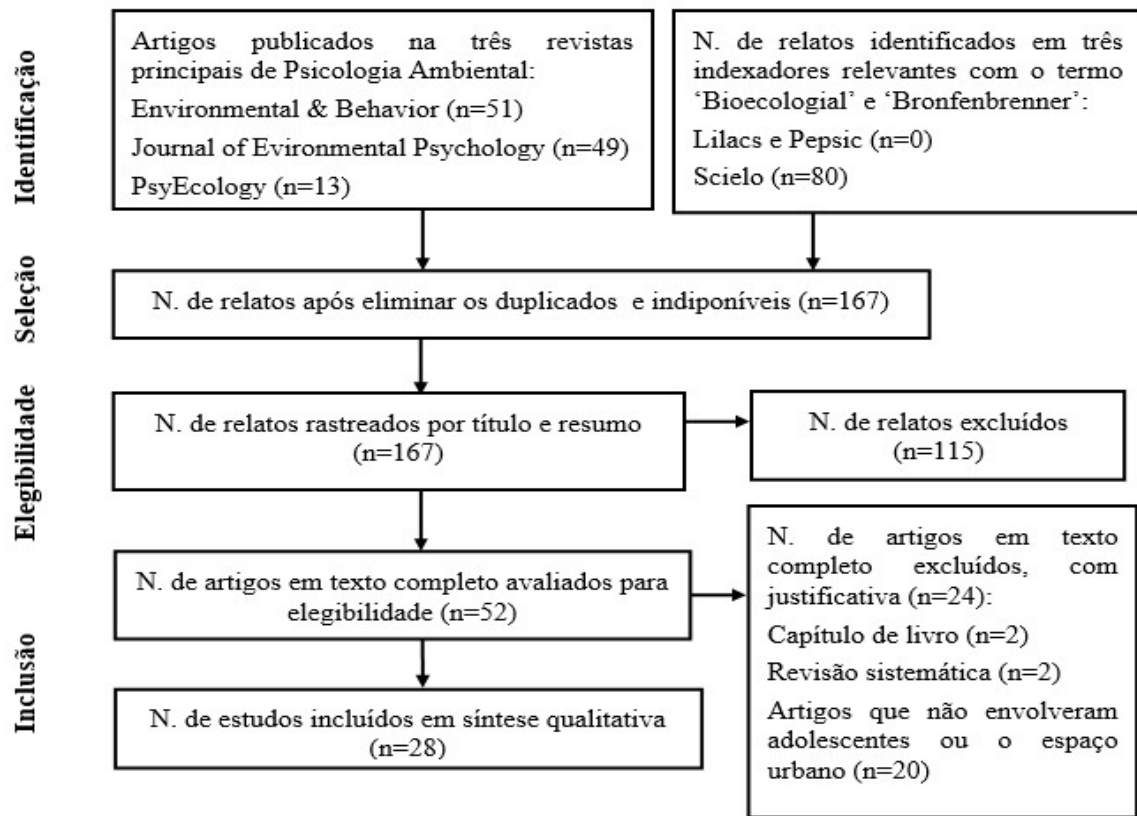


Figura 1

Revisão sistemática a partir do PRISMA.

Tabela 1

Síntese dos estudos revisados de psicologia ambiental e modelo bioecológico envolvendo adolescentes e espaço urbano que abordam especificidades da adolescência.

Autores	Tema	Faixa etária	Abordagem	Relação ambiente e contexto
Oliveira et al. (2020)	Vulnerabilidade social experienciada por adolescentes suburbanos acolhidos em centros de referência/assistência social.	13 – 18	Modelo Bioecológico	Ênfase nos aspectos contextuais
Lima e Morais (2019)	Trajetórias de jovens em situação de rua com diferentes perfís de bem-estar subjetivo (BES).	10 – 17	Modelo Bioecológico	
Acioli et al. (2019)	Tempo de acolhimento institucional e as características dos adolescentes no Recife.	12 – 18	Modelo Bioecológico	
Rodriguez et al. (2015)	Influência do ambiente construído na seleção de rotas de pedestres entre meninas adolescentes.	13,2 - 14,9	Psicologia Ambiental	Ênfase nos aspectos ambientais
Christian et al. (2017)	Relação entre o acesso aos destinos do bairro e o tempo de tela dos jovens variáveis de acordo com sexo da criança, idade e tamanho do espaço para atividades na vizinhança.	5 – 17	Psicologia Ambiental	
Larson et al. (2019)	Relações entre o tempo ao ar livre autorrelatado, o tempo de tela e a conexão com a natureza.	6 – 8	Psicologia Ambiental	
Cohen et al. (2019)	Mudanças no ambiente construído associadas às mudanças na Atividade Física entre mulheres jovens que amadurecem da adolescência à idade adulta.	18 - >60	Psicologia Ambiental	
Cohen et al. (2016)	O papel das ameaças percebidas no uso do parque.		Psicologia Ambiental	Ênfase tanto nos aspectos contextuais quanto ambientais
Groshong et al. (2018)	Segurança no uso do parque e prática de atividade física.	12 -17 e >18	Psicologia Ambiental	
Greenwood e Gatersleben (2016)	Experiência de benefícios psicológicos na natureza.	16 – 18	Psicologia Ambiental	
Oliveira e Morais (2019)	Processos de resiliência comunitária (RC) e fatores a ela relacionados, estudo de caso de uma comunidade de Fortaleza.	21 – 72	Modelo Bioecológico e Psicologia Ambiental	
Stefaniak et al. (2017)	Descoberta da história local e apego ao lugar.	14 – 19	Psicologia Ambiental	

Nota. Análise realizada pelos autores.

Tabela 2

Síntese dos estudos revisados de psicologia ambiental e modelo bioecológico envolvendo adolescentes e espaço urbano que abordaram adolescentes como crianças ou apenas estudantes.

Autores	Tema	Faixa etária	Abordagem	Relação ambiente e contexto
Brussoni et al. (2020)	Fatores que influenciam as atividades ao ar livre não supervisionadas das crianças (UOA).	10 - 13	Psicologia Ambiental e Teoria Socioecológica	
Tiriba e Profice (2019)	Importância da natureza no bem-estar e na saúde infantil e como as crianças; vínculos construídos com o mundo natural.	6 - 14	Psicologia Ambiental e Modelo Bioecológico	
Rollings et al. (2017)	Relações entre a qualidade física da habitação, vizinhança e seu efeito interativo no desenvolvimento do curso de vida de crianças rurais dos EUA.	9 - 24	Psicologia Ambiental e Modelo Bioecológico	
Alves et al. (2016)	Impacto das variáveis sociofamiliares e as diferenças nos ambientes urbano e rural.	9 - 14	Modelo Bioecológico	Ênfase nos aspectos contextuais
Islam et al. (2016)	Relação entre as características físicas do ambiente construído do bairro e o tempo médio das crianças ao ar livre em Dhaka.	9 - 14	Psicologia Ambiental	Ênfase nos aspectos ambientais
Barros e Piniheiro (2020)	Percepção de mudanças climáticas em adolescentes e sua possível relação com os indicadores de estilo de vida sustentável.	10 - 13	Psicologia Ambiental	
Loebach e Gilliland (2016)	Adequação de um novo modelo conceitual e métricas para isolar e examinar espaços de atividades de vizinhança, e o tempo livre em ambientes de vizinhança locais.	9 - 13	Psicologia Ambiental	
Bagot et al. (2015)	Preditores da percepção de restauração de parques infantis de escolas, usando a Teoria da Restauração da Atenção.	8 - 11	Psicologia Ambiental	
Donovan et al. (2020)	Teste de hipótese: exposição ao ambiente natural está associada a um melhor desempenho acadêmico.	14,1 - 22,7	Psicologia Ambiental	
Kelz et al. (2015)	Influência de um redesenho (esverdeamento) de um pátio de escola no estresse fisiológico, bem-estar psicológico e funcionamento executivo dos alunos	13 - 15	Psicologia Ambiental	
Crawford et al. (2017)	Eficácia de um aplicativo móvel no aumento da conexão com a natureza e transmissão de informações ecológicas em um ambiente de educação ambiental não formal (NFEE).	9 - 14	Psicologia Ambiental	
Zhou et al. (2016)	Examina onde as crianças brincam em uma cidade em rápida urbanização e como elas percebem esses lugares.	10 - 13	Psicologia Ambiental	

Nota. Análise realizada pelos autores.

Tabela 3

Síntese dos estudos revisados de psicologia ambiental e modelo bioecológico envolvendo adolescentes e espaço urbano que abordam um público geral ou adolescentes como adultos.

Concepção de adolescência	Autores	Tema	Faixa etária	Abordagem	Relação ambiente e contexto
Abordam um público geral sem classificação etária	Zhu e Fu (2017)	Examina os micromecanismos por meio dos quais o espaço comum facilita o NP e como o espaço comum é percebido, reconhecido e compreendido por residentes urbanos em bairros urbanos chineses.	-	Psicologia Ambiental	
	Slater et al. (2016)	Envolvimento de grupos comunitários na seleção, instalação e manutenção contínua do <i>design</i> do <i>playground</i> e sua influência na utilização do parque e renovações pós atividade física.	-	Psicologia Ambiental	
Abordam adolescentes como adultos/ universitários	Menatti et al. (2019)	Papéis do apego ao lugar e da identificação do lugar na avaliação do potencial restaurador das paisagens.	m = 21,94	Psicologia Ambiental	
	Korpela et al. (2020)	Benefícios dos locais físicos favoritos para o bem-estar com base na ideia de autorregulação ambiental.	17 - 86	Psicologia Ambiental	Ênfase nos aspectos contextuais

Nota. Análise realizada pelos autores.

Resultados

Concepções sobre a Adolescência

As pesquisas encontradas envolveram idades bem variadas, entre oito e 86 anos, e a delimitação da maioria das selecionadas para síntese qualitativa não teve foco na faixa etária classificada como adolescência; contudo, foram mantidas por incluírem a faixa etária entre dez e 19 anos (WHO, 2020). Nove artigos dos 28 trouxeram especificidades da adolescência, enquanto 12 incluíram os adolescentes entre as crianças, já que envolveram idades mais jovens; dois trataram de jovens universitários, enquadrando pessoas nos anos finais da adolescência como adultos ou jovens adultos e; dois artigos envolveram um público geral sem foco etário.

Foi possível notar que a abordagem teórico-metodológica utilizada nas pesquisas não influenciou nessa categorização, porém a predominância de faixas etárias menores ou maiores a influenciaram significativamente. As pesquisas que envolveram predominantemente idades menores de 13 anos tenderam a tratar os adolescentes incluídos na amostra como crianças e, em sua maioria, como estudantes. Já estudos que envolveram adolescentes mais velhos, a partir dos 18 anos aos 19 anos, tiveram uma amostra

preponderantemente adulta, incluindo-os nessa classificação, ou os trataram apenas como universitários, sem especificar se jovens ou adultos.

A justificativa predominante para a realização das pesquisas foi a utilização dos resultados para o planejamento de políticas públicas e de planejamento urbano, o que inclui a mobilidade urbana. A inserção de elementos naturais no ambiente escolar e acadêmico, a influência do ambiente no desenvolvimento cognitivo e as percepções de lugar e sobre a vizinhança, também, apareceram nos estudos sintetizados.

Oliveira, Reis, Vandenberghe, Souza e Medeiros (2020) descreveram a adolescência como uma fase de transição biológica, psicológica e social, entre a infância e a vida adulta, considerada como uma construção histórico-cultural. Os estudos de Christian et al. (2017) e de Larson et al. (2019) utilizaram predominantemente o termo “*youth*” para representar a juventude. Já Tiriba e Profice (2019) apontam que, entre povos indígenas, de maneira diferente do que acontece na cultura ocidental predominante, crianças, entre as quais aquelas na faixa etária da adolescência, participam das atividades e compartilham do conhecimento da tribo além de serem valorizadas enquanto guardiãs do conhecimento tradicional, o que diminui a cobrança pelo seu desenvolvimento cognitivo e prontidão para aprendizagem.

Groshong, Stanis, Kaczynski e Hipp (2018) trouxeram aspectos negativos da percepção dos adultos sobre os adolescentes. Os autores citaram o barulho e a baderna ocasionados por alguns adolescentes e o desencorajamento promovido por pais para que seus filhos não utilizem alguns ambientes em determinados horários devido à insegurança, principalmente as garotas. Falando nelas, Rodriguez et al. (2015) e Cohen, Han, Kraus e Young (2019) deram especial atenção às especificidades do sexo feminino na juventude, trazendo suas particularidades e diferenciações com o gênero masculino, principalmente no que tange à sua maior vulnerabilidade.

Nos estudos encontrados, os adolescentes foram colocados em uma posição de passividade, principalmente quando considerados crianças. Christian et al. (2017), por exemplo, ouviram os adolescentes de 16 e 17 anos; no entanto, no caso dos participantes entre 5 e 15 anos, as respostas foram dadas por seus tutores. Oliveira e Morais (2019) não incluíram nenhum adolescente ou criança em sua pesquisa, porém foram inseridos na sua síntese qualitativa, pois os adultos relataram projetos sociais da comunidade voltados para

esse público, citaram o afastamento dos jovens dos campos de futebol por medo da violência e associaram a falta de espaços de lazer aos riscos de os jovens se envolverem com a criminalidade e o uso de drogas. A maioria dos estudos sintetizados trouxe aspectos sobre a percepção dos pais ou dos adolescentes e crianças sobre o espaço, como Zhou, Li e Larsen (2016), que trabalharam com o mapeamento geográfico de lugares, feito digitalmente, e a percepção de quais são bons ou maus lugares para a criança frequentar.

O estudo de Slater, Pugach, Lin e Bontu (2016) trouxe questões mais ativas a respeito dos seus participantes. Os autores trataram a participação social na instalação, uso e manutenção de aparelhos de atividade física em parques, apresentando uma posição mais ativa dos participantes ao responderem às entrevistas. Todavia, o enfoque do estudo não foi nos adolescentes, mas estes foram incluídos na amostra geral de usuários do parque, uma vez que a pesquisa não especificou faixas etárias, generalizando os usuários dos locais estudados.

Concepções sobre Ambiente e Contexto

Os estudos de psicologia ambiental que utilizaram o modelo bioecológico envolveram tanto aspectos ambientais, como características do ambiente natural e construído, quanto contextuais, abordando questões socioculturais, assim como o artigo que trouxe a teoria socioecológica. As pesquisas de psicologia ambiental, que não trouxeram essas bases, trabalharam com descrições mais físicas sobre as características ambientais, incluindo coordenadas geográficas e detalhes arquitetônicos ou de *design*, utilizando os dados sociodemográficos apenas para fins de classificação; enquanto aquelas com foco exclusivo no Modelo Bioecológico trouxeram questões mais subjetivas sobre o contexto e a relação com o ambiente, mas sem dar ênfase a detalhes mais descritivos do ambiente.

Estudos sintetizados com foco no modelo bioecológico abordaram, primordialmente, contextos específicos de vulnerabilidade social; enquanto os estudos de psicologia ambiental buscaram amostras mais amplas, porém com menos detalhes contextuais. No seu estudo, Barros e Pinheiro (2020), por exemplo, aplicaram um questionário a 484 estudantes sobre cuidado ambiental e suas implicações, e realizaram entrevistas semiestruturadas de forma complementar. Rollings et al. (2017) utilizaram uma amostra de 341 crianças da zona rural para investigar vizinhança e qualidade de vida. Já Oliveira et al. (2020) trabalharam

com jovens em centros de referência em assistência social, Lima e Morais (2019) acompanharam jovens em situação de rua e Oliveira e Morais (2019) entrevistaram dez líderes comunitários em uma ocupação urbana caracterizada por baixos indicadores sociais. Alves, Lemos, Brito, Martins e Almeida (2016) afirmaram que os espaços sociais e familiares mais favorecidos econômica e culturalmente se beneficiam de mais oportunidades advindas de uma cultura dominante, tendo acesso a ferramentas que os ajudam a otimizar o seu desenvolvimento cognitivo. Isso inclui acesso a melhores condições urbanas.

Não quer dizer que os estudos com ênfase na psicologia ambiental não abordam as questões sociais, apenas que os estudos levantados não se aprofundaram nessa questão. Groshong et al. (2018) discutiram a acessibilidade equalitária das pessoas aos ambientes e abordaram questões sociais relativas à violência, por exemplo, entretanto de maneira mais superficial se comparadas às investigações que dão maior ênfase ao estudo dos contextos.

A mobilidade urbana, transporte ou caráter transitório dos ambientes também se fez presente nos artigos sintetizados. Uma das formas de rastrear a mobilidade foi por meio do uso dos aparelhos com GPS (*Global Positioning System*) citados nos estudos de Rodriguez et al. (2015) e Loebach e Gilliland (2016). Dentre os objetivos de Islam, Moore e Cosco (2016), está a verificação de como o uso da terra influencia no que há para fazer em uma vizinhança. Isso inclui as construções próximas à residência de uma pessoa, havendo maior tendência de permanência na vizinhança quando há presença de mais prédios comerciais, educacionais ou pontos de lazer e prática de atividades físicas. O estudo de Groshong et al. (2018) revelou que os adolescentes pesquisados, geralmente, não usam o parque mais próximo de sua casa, mas se locomovem para um que contenha as comodidades desejadas, como parques de *skate*, trilhas para caminhada e banheiros, mesmo que estejam em áreas mais distantes das que residem.

Espaços Urbanos e Naturais

A discussão sobre espaços urbanos e naturais, ou a presença de elementos naturais no ambiente construído, foi recorrente nos estudos analisados. Tiriba e Profice (2019) trazem que, apesar de a urbanização ser um processo que ocorre no mundo todo, os critérios de classificação de uma região como zona rural ou urbana é diferente entre os países. No caso do Brasil, os autores apontam que há um mosaico de ambientes,

uma vez que existem elementos urbanos entre os naturais e a presença de elementos naturais nos espaços urbanos.

Alves et al. (2016) trouxeram comparações entre o impacto das variáveis sociofamiliares nos ambientes rurais e urbanos. Larson et al. (2019) e Kelz, Evans e Röderer (2015) também abordaram os ambientes rurais. Nos demais estudos, predominaram os espaços urbanos, ou os naturais urbanizados, ou seja, aqueles com grande presença de elementos naturais, mas que foram modificados pelo homem.

Zhu e Fu (2017) trabalharam especificamente com os espaços coletivos, abordando espaços públicos e semipúblicos e citando o engajamento social nas atividades dentro dos bairros. Zhou et al. (2016) e Crawford, Holder e O'Connor (2017) abordaram a questão do ambiente público, trazendo, mesmo que minimamente, a questão do acesso aos ambientes.

Um dos pontos que permearam boa parte das discussões sobre o esverdeamento dos espaços foi o caráter restaurador dos ambientes. Christian et al. (2017) e Larson et al. (2019) buscaram entender a influência da exposição a esses ambientes sobre o tempo de tela, isto é, se a exposição aos espaços com presença de elementos naturais influenciou o tempo de uso dos dispositivos eletrônicos. Já Alves et al. (2016) e Donovan, Michael, Gatziolis e Hoyer (2020) fizeram a correlação desses locais com o desempenho escolar.

Greenwood e Gatersleben (2016) abordaram a dependência do uso de tecnologia e como os adolescentes se “conectam” de forma diferente com a natureza em relação aos adultos. Esse estudo concluiu que a interação social atuou enquanto um suporte de restauração mais intenso do que o próprio contato com a estrutura do ambiente. É importante lembrar que as pessoas também são consideradas parte do ambiente ou contexto.

As pesquisas encontradas a partir desta revisão sistemática em ambas as abordagens trouxeram alguma comparação envolvendo contextos urbanos ou suburbanos. Após a análise da síntese qualitativa dos artigos levantados, é possível considerar que os estudos com o modelo bioecológico aborda questões do contexto, principalmente social, de maneira mais detalhada e aprofundada, enquanto os estudos da psicologia ambiental apresentaram mais os dados estatísticos referentes ao contexto.

Discussão

Em se tratando da psicologia, é imprescindível relembrar as origens da disciplina, que possui forte influência no método experimental, só passando a considerar o contexto nas últimas décadas, fato que tornou possível o surgimento da psicologia ambiental (Pinheiro, 1997). O autor aponta que, na tentativa de superar deficiências sobre paradigmas da psicologia frente aos problemas ambientais, buscou-se superar a separação entre comportamento e cognição em sua relação com o ambiente, objetivando a contribuição da psicologia ambiental para a relação pessoa-ambiente. O autor cita, também, que há, nessa interlocução, uma dualidade, sendo uma interna, que é própria das bases da psicologia, e outra externa, relacionada ao estudo do ambiente. Essa segunda face tem forte influência em arquitetura e planejamento ambiental, geografia e ciências bio/ecológicas (Pinheiro, 1997). Isso justificaria bastante o uso de características relacionadas ao *design* dos ambientes, dados sociodemográficos, coordenadas geográficas e elementos ecológicos mais presentes nos estudos de psicologia ambiental incluídos nesta síntese qualitativa.

Para Lerner, Lewin-Bizan e Warner (2011) e Bueno, Vieira, Crepaldi e Schneider (2015), o modelo bioecológico do desenvolvimento humano pode ser considerado uma teoria sistêmica, sendo as bases epistemológicas dessa abordagem a complexidade, instabilidade e intersubjetividade do objeto de estudo, o homem e sua relação mútua com o ambiente. Bronfenbrenner (2011) afirma que esse modelo teórico evoluiu do estudo do desenvolvimento humano ao longo do tempo, o que inclui as discussões sobre uma abordagem mais integral da pessoa no ambiente, que deveria abordar todos os aspectos inerentes a esse processo longitudinal. De acordo com o autor, os processos de desenvolvimento humano sofrem influência de eventos e de condições do meio ambiente. Esse reconhecimento permite dar maior importância para políticas públicas e intervenções sobre o contexto e essas informações ajudam a compreender por que os estudos envolvendo esse modelo tendem a focar mais em questões sociais como situação de vulnerabilidade e políticas públicas nos estudos sintetizados.

Observa-se que, nos estudos identificados, outra diferença é o uso do termo “ecológico”. Na psicologia ambiental, ele tem uma ligação mais íntima com o ambiente natural, o que remete muito à ideia de natureza e à relação com os aspectos arquitetônicos e de estrutura física dos ambientes construídos, enquanto nas

pesquisas com base no modelo bioecológico do desenvolvimento humano, o ecológico envolve múltiplos contextos, com grande complexidade. Uma proximidade é que ambas trabalham com o sentido de interdependência da pessoa com seu ambiente ou contexto, mas em níveis diferentes, como foi possível observar nesta revisão sistemática.

Foi possível observar, ainda, como as bases teóricas dos estudos lidam com as diferentes temáticas abordadas, tendo elas um manejo similar no que tange à forma como se remetem ao ambiente e às definições de ecológico. Todavia, por se tratar de um levantamento bibliográfico, que é a proposta deste artigo, há limitações no que concerne ao aprofundamento das questões levantadas, sendo necessária a realização de estudos futuros. Outros pontos a serem destacados são os de que as bases epistemológicas dos campos de conhecimento aqui abordados têm influência significativa nas metodologias utilizadas e que o uso em conjunto delas tem enorme potencial para o preenchimento de lacunas na coleta e produção de dados.

Considerações Finais

Em relação a uma abordagem integral da relação pessoa-ambiente ou da pessoa com seu contexto, as pesquisas envolvendo os modelos teóricos isolados, seja com base apenas no modelo bioecológico ou na psicologia ambiental, não conseguiram dar conta dos princípios epistemológicos estabelecidos na constituição de ambas. Nos estudos sintetizados, a psicologia ambiental acabou limitando sua contextualização a dados sociodemográficos, enquanto o modelo bioecológico não conseguiu dar conta de aspectos estruturais do ambiente físico. Porém, é importante ressaltar que é essencial a análise dos objetivos de cada estudo, para os quais as abordagens demonstraram dialogar de maneira eficiente. Por outro lado, estudos que utilizaram tanto a psicologia ambiental quanto o modelo bioecológico ou a abordagem socioecológica demonstraram mais propriedade ao abordarem a relação pessoa-ambiente, levando em consideração os atributos das variáveis contextuais.

No Brasil, alguns autores têm trabalhado nas definições do modelo bioecológico e da psicologia ambiental no contexto nacional. Koller, Morais e Paludo (2016) desenvolveram um método de estudo do desenvolvimento humano denominado de inserção ecológica, adaptando e operacionalizando o modelo bioecológico no contexto brasileiro. Já Pinheiro e Günther (2008) organizaram um trabalho, que reúne

variados métodos, os quais podem ser desenvolvidos nos estudos envolvendo a relação pessoa-ambiente no mesmo contexto. Sendo assim, há caminhos possíveis para o diálogo e a interlocução desses autores que abrangem a complexidade das relações das pessoas com o ambiente, incluindo tanto aspectos estruturais quanto contextuais.

Por fim, é possível notar que o diálogo entre as duas abordagens tem muito a contribuir para os estudos envolvendo adolescência e espaço urbano. Porém, considera-se que é preciso que seja dado mais espaço de fala para os adolescentes e que a construção coletiva dos espaços públicos necessita de atenção, além de levar em consideração a adolescência enquanto uma das partes intrínsecas de uma comunidade, que tem muito a contribuir para a construção de ambientes mais justos e igualitários. Por não se tratar de uma revisão que inclua meta-análise, faz-se primordial uma análise estatística futura para aprofundamento dos resultados obtidos.

Referências

- Acioli, R. M. L., Barreira, A. K., Lima, M. L. C. D., Assis, S. G. D., & Lima, M. L. L. T. D. (2019). Tempo de acolhimento e características dos adolescentes acolhidos por tipo de serviços institucionais. Recife, Brasil, 2009-2013. *Ciência & Saúde Coletiva*, *24*, 553-562. doi:10.1590/1413-81232018242.06402017
- Alves, A. F., Lemos, G. C., Brito, L., Martins, A. A., & Almeida, L. S. (2016). Desempenho cognitivo na infância: A mãe e o meio urbano fazem a diferença. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *32*(3), e32317. doi: 10.1590/0102-3772e323217
- Bagot, K. L., Allen, F. C. L., & Toukhsati, S. (2015). Perceived restorativeness of children's school playground environments: Nature, playground features and play period experiences. *Journal of Environmental Psychology*, *41*, 1-9. doi: 10.1016/j.jenvp.2014.11.005
- Barros, H., & Pinheiro, J. (2020). Climate change perception by adolescents: reflections on sustainable lifestyle, local impacts and optimism bias (Percepción del cambio climático en adolescentes. Reflexiones sobre los estilos de vida sostenibles, el impacto local y el sesgo optimista). *PsyEcology*, *11* (2), 1-24. doi: 10.1080/21711976.2020.1728654
- Brasil, Ministério da Saúde. (2020). *Caderneta do Adolescente*. Recuperado de <https://www.saude.gov.br/saude-para-voce/saude-do-adolescente-e-do-jovem/caderneta-do-adolescente>
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1995). The bioecological model from a life course perspective: Reflections of a participant observer. In P. Moen, G. H. Elder, Jr, & K. Luscher (Eds.), *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development* (pp. 599-618). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do Desenvolvimento Humano: Tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Bronfenbrenner, U., & Crouter, A. C. (1983). The evolution of environmental models in developmental

- research. In W. Kessen, & P. H. Mussen (Eds.), *Handbook of child psychology. Vol. 1 History, theory, and methods* (4th ed., pp. 357-414). New York: Wiley.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon (Series Ed.), & R. M. Lerner (Vol. Ed.). *Handbook of child psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development* (5th ed., pp. 993-1028). New York: John Wiley.
- Brussoni, M., Lin, Y., Han, C., Janssen, I., Schuurman, N., Boyes, R. . . . Mâsse, L. C. (2020). A qualitative investigation of unsupervised outdoor activities for 10-to 13-year-old children: “I like adventuring but I don’t like adventuring without being careful”. *Journal of Environmental Psychology, 70*, 1-9. doi: 10.1016/j.jenvp.2020.101460
- Bueno, R. K., Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., & Schneider, D. R. (2015). Considerações epistemológicas da perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano sobre o envolvimento paterno. *Psicologia em Revista, 21*(3), 599-620. doi: 10.5752/P.1678-9523.2015V21N3P599
- Christian, H., Zubrick, S. R., Knuiiman, M., Nathan, A., Foster, S., Villanueva, K., & Giles-Corti, B. (2017). Nowhere to go and nothing to do but sit? Youth screen time and the association with access to neighborhood destinations. *Environment and Behavior, 49*(1), 84-108. doi: 10.1177/0013916515606189
- Cohen, D. A., Han, B., Derose, K. P., Williamson, S., Marsh, T., Raaen, L., & McKenzie, T. L. (2016). The paradox of parks in low-income areas: Park use and perceived threats. *Environment and Behavior, 48*(1), 230-245. doi: 10.1177/0013916515614366
- Cohen, D. A., Han, B., Kraus, L., & Young, D. R. (2019). The contribution of the built environment to physical activity among young women. *Environment and Behavior, 51*(7), 811-827. doi: 10.1177/0013916517753036
- Crawford, M. R., Holder, M. D., & O’Connor, B. P. (2017). Using mobile technology to engage children with nature. *Environment and Behavior, 49*(9), 959-984. doi: 10.1177/0013916516673870
- Donovan, G. H., Michael, Y. L., Gatzliolis, D., & Hoyer, R. W. (2020). The relationship between the natural environment and individual-level academic performance in Portland, Oregon. *Environment and*

Behavior, 52(2), 164-186. doi: 10.1177/0013916518796885

Galvão, T. F., Pansani, T. D. S. A., & Harrad, D. (2015). Principais itens para relatar revisões sistemáticas e meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24, 335-342. doi: 10.5123/S1679-49742015000200017

Gonçalves, T. M. (2007). *Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano*. Ijuí: Unijuí.

Greenwood, A., & Gatersleben, B. (2016). Let's go outside! Environmental restoration amongst adolescents and the impact of friends and phones. *Journal of Environmental Psychology*, 48, 131-139. doi: 10.1016/j.jenvp.2016.09.007

Groshong, L., Stanis, S. A. W., Kaczynski, A. T., & Hipp, J. A. (2018). Attitudes about perceived park safety among residents in low-income and high minority Kansas City, Missouri, neighborhoods. *Environment and Behavior*, 52(6), 639-665. doi: 10.1177/0013916518814291

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1997). *Crianças e Adolescentes indicadores sociais*. (Vol. 6, pp. 1-79). Rio de Janeiro, RJ: IBGE, Divisão de Editoração - DIEDI/Departamento de Editoração e Gráfica- DEDIT/CDDI.

Islam, M. Z., Moore, R., & Cosco, N. (2016). Child-friendly, active, healthy neighborhoods: Physical characteristics and children's time outdoors. *Environment and Behavior*, 48(5), 711-736. doi: 10.1177/0013916514554694

Kelz, C., Evans, G. W., & Röderer, K. (2015). The restorative effects of redesigning the schoolyard: A multi-methodological, quasi-experimental study in rural Austrian middle schools. *Environment and Behavior*, 47(2), 119-139. doi: 10.1177/0013916513510528

Koller, S. H., Morais, N. A., & Paludo, S. S. (2016). *Inserção ecológica: Um método de estudo do desenvolvimento humano* (Ecological engagement: A study method in human development). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Korpela, K., Korhonen, M., Nummi, T., Martos, T., & Sallay, V. (2020). Environmental self-regulation in favourite places of Finnish and Hungarian adults. *Journal of Environmental Psychology*, 67,1-21. doi:

10.1016/j.jenvp.2019.101384

- Larson, L. R., Szczytko, R., Bowers, E. P., Stephens, L. E., Stevenson, K. T., & Floyd, M. F. (2019). Outdoor time, screen time, and connection to nature: Troubling trends among rural youth?. *Environment and Behavior*, 51(8), 966-991. doi: 10.1177/0013916518806686
- Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm
- Lerner, R. M., Lewin-Bizan, S., & Warren, A. E. A. (2011). Concepts and theories of human development. In M. H. Bornstein, & M. E. Lamb (Eds.), *Developmental science: An advanced textbook* (pp. 3- 49). New York: Psychology Press.
- Lima, R. F. F., & Morais, N. A. D. (2019). Subjective well-being trajectories of street-involved youth: Considerations of a longitudinal study. *Trends in Psychology*, 27(4), 909-923. doi: 10.9788/tp2019.4-07
- Loebach, J. E., & Gilliland, J. A. (2016). Free range kids? Using GPS-derived activity spaces to examine children's neighborhood activity and mobility. *Environment and Behavior*, 48(3), 421-453. doi: 10.1177/0013916514543177
- Menatti, L., Subiza-Pérez, M., Villalpando-Flores, A., Vozmediano, L., & San Juan, C. (2019). Place attachment and identification as predictors of expected landscape restorativeness. *Journal of Environmental Psychology*, 63, 36-43. doi: 10.1016/j.jenvp.2019.03.005
- Moser, G. (2018). *Introdução à Psicologia Ambiental: Pessoa e ambiente*. Campinas: Alínea.
- Oliveira, A. T. C., & Morais N. A. de (2019). Resiliencia Comunitaria: Un studio de caso de una comunidad de Fortaleza, CE. *Trends in Psycholy*, 27(3), 779-793. doi: 10.9788/tp2019.3-13
- Oliveira, P. C. D., Reis, M. L., Vandenberghe, L., Souza, M. M. D., & Medeiros, M. (2020). "Sobrevivendo": Vulnerabilidade social vivenciada por adolescentes em uma periferia urbana. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 24, 1-18. doi: 10.1590/Interface.190813
- Pinheiro, J. Q. (1997). Psicologia Ambiental: A busca de um ambiente melhor. *Estudos de Psicologia*, 2(2), 377-398. doi: 10.1590/S1413-294X1997000200011

- Pinheiro, J. & Günther, H. (2008). *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rodriguez, D. A., Merlin, L., Prato, C. G., Conway, T. L., Cohen, D., Elder, J. P. . . Veblen-Mortenson, S. (2015). Influence of the built environment on pedestrian route choices of adolescent girls. *Environment and Behavior*, 47(4), 359-394. doi: 10.1177/0013916513520004
- Rollings, K. A., Wells, N. M., Evans, G. W., Bednarz, A., & Yang, Y. (2017). Housing and neighborhood physical quality: Children's mental health and motivation. *Journal of Environmental Psychology*, 50, 17-23. doi: 10.1016/j.jenvp.2017.01.004
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silvaes, E. F. D. M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227-234. doi: 10.1590/S0102-37722010000200004
- Slater, S., Pugach, O., Lin, W., & Bontu, A. (2016). If you build it will they come? Does involving community groups in playground renovations affect park utilization and physical activity? *Environment and Behavior*, 48(1), 246-265. doi: 10.1177/0013916515614368
- Stefaniak, A., Bilewicz, M., & Lewicka, M. (2017). The merits of teaching local history: Increased place attachment enhances civic engagement and social trust. *Journal of Environmental Psychology*, 51, 217-225. doi: 10.1016/j.jenvp.2017.03.014
- Tiriba, L., & Profice, C. C. (2019). Crianças da Natureza: vivências, saberes e pertencimento. *Educação & Realidade*, 44(2), 1-22. doi: 10.1590/2175-623688370
- World Health Organization (WHO) (2020). *Adolescent health*. Recuperado de https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1
- Zhou, X., Li, D., & Larsen, L. (2016). Using web-based participatory mapping to investigate children's perceptions and the spatial distribution of outdoor play places. *Environment and Behavior*, 48(7), 859-884. doi: 10.1177/0013916515571732
- Zhu, Y., & Fu, Q. (2017). Deciphering the civic virtue of communal space: Neighborhood attachment, social capital, and neighborhood participation in urban China. *Environment and Behavior*, 49(2), 161-191. doi: 10.1177/0013916515627308